
**A TRANSFORMAÇÃO DE ADAMASTOR NO
ROMANCE *CAPE OF STORMS*, DE ANDRÉ BRINK**
Adamastor's transformation in novel *Cape of Storms*, by André Brink

Sérgio Henrique Rocha Batista¹

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é discutir a transformação literária que o romancista sul-africano André Brink realizou em seu livro *Cape of Storms* (Cabo das Tormentas) sobre Adamastor, personagem do poema épico do século XVI *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. A adaptação de Brink infunde uma nova luz a um mito literário português que data do início do imperialismo europeu, fazendo com que sua análise seja de alto interesse para o melhor entendimento da literatura pós-colonial e, consequentemente, de seu mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura pós-colonial; literatura comparada; André Brink; Luís Vaz de Camões; Adamastor.

ABSTRACT: This article main objective is to discuss the literary transformation that the South African novelist André Brink performed in his book *Cape of Storms* upon Adamastor, character of the XVI century epic poem *Os Lusíadas*, by Luís Vaz de Camões. Brink's adaptation instills a new light to a portuguese literary myth that dates from the beginings of European Imperialism, making its analysis of high interest to the better understanding of the post-colonial literature and, consequently, world.

KEYWORDS: Post-colonial literature; comparative literature; André Brink; Luis Vaz de Camões; Adamastor.

*This is the motivation behind my present venture. More precisely, my hypothesis is this: suppose there were an Adamastor, a model for the giant of Camões's fanciful history; and suppose that original creature, spirit, or whatever he may have been, has survived through the centuries in a series of disparate successive avatars in order to continue watching over the Cape of Storms: how would he look back, from the perspective of the late twentieth century, on that original experience?*²
André Brink, *Cape of Storms*.

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade Estadual Paulista, campus Assis.

² “Essa foi a motivação por trás da minha presente aventura. Mais precisamente, minha hipótese é essa: suponhamos que houve um Adamastor, um modelo para o gigante da história fantástica de Camões. E suponhamos que a original criatura, espírito ou o que quer que tenha sido, sobreviveu pelos séculos em uma série de avatares incongruentes a fim de continuar vigiando sobre o Cabo das Tormentas: como ele olharia para trás, da perspectiva do final do século vinte, sobre essa experiência original?” (todas as traduções deste artigo são de seu autor).

Camões, ao escrever *Os Lusíadas* em Portugal do século XVI marca, indelevelmente, sua obra com sinais claros da sua origem sociotemporal, como é da própria natureza da obra literária; contudo, leitores atuais de sua obra encontram um desafio à parte: nela, ideologemas que hoje são considerados antiquados ou mesmo inaceitáveis em muitos meios realizam um papel primordial guiando e estruturando o poema. Dito de outra forma, *Os Lusíadas* é o épico do imperialismo cristão.

Escrito para glorificar as conquistas portuguesas no além-mar, a expansão do cristianismo em detrimento das religiões ditas erradas, o heroísmo dos navegantes e a Divina Providência que presenteou o mundo com a nação portuguesa, o poema passou a ocupar uma posição delicada no capitalismo pós-colonial. Em que pese a força de sua literariedade, seus temas principais pertencem a uma cosmovisão da metrópole, e hoje há um movimento para retornar voz aqueles que, direta ou indiretamente, foram a parte fraca do processo de globalização iniciado durante a era das grandes navegações e potencializado durante o século XIX.

Os motivos de *Os Lusíadas*, contudo, permanecem ecoando pela cultura, e entre eles está o do gigante Adamastor, escolhido por Camões para simbolizar o Cabo das Tormentas e, *lato sensu*, os perigos e mistérios do mundo ulterior ao ecúmeno europeu.

E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com Fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

Outro também virá, de honrada fama
Liberal, cabaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê le terá dado,
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros
Em tanto amor gerados e nascidos,
Verão os Cafres, ásperos e avaros,

Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma, ao frio, ao ar, verão despidos
Despois de ter pisada, longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida, implacábil espessura.
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão. (CAMÕES, s./d., p. 82).

O Gigante profetiza de dois casos, conhecidos na época de Camões, de portugueses célebres que morreram nas cercanias do Cabo; em seu discurso, fica claro que a África não é reconhecida como um lugar com cultura diferenciada, mas antes é um não-lugar. Por um lado, o Cabo das Tormentas é um tabu cuja dessacralização será punida, e por outro, um ermo afligido pelos elementos e habitado apenas por cafres (negros) “ásperos e avaros” que serve tão somente de pano de fundo para os épicos feitos dos portugueses. *Os Lusíadas* não têm muito que comentar sobre especificidades dos povos sul-africanos já que segue a mentalidade colonial portuguesa, mantendo os olhos nas culturas mais urbanas da Índia e Pérsia, cujo comércio era mais promissor e a religião, mais perigosa. Em suma, como disse o estudioso da literatura Lawrence Lipking em seu artigo premiado *Lycidas, Adamastor and the poetics of Nationalism*:

Geographically, Adamastor stands for the place where maps lose their potency — here be monsters; historically, for an unknown part of the past, a legend and reality concealed from the ancients and yet to be explored; epistemologically, for a point beyond which human perceptions fail; theologically, for the forbidden. But above all he exists on the border between the animate and the inanimate, between the personification that responds to human desire and the nature whose immensity and violence reflect nothing but themselves. The difference between his epic and all the others, Camões insisted, was that his alone told the truth. This was hubris, of course. Yet Adamastor does emerge from the landscape and dissolve into the elements, as if his whole being were no more than an

optical illusion. Now you see him, now you don't. His reality, like that of the *Ding an sich*, depends on the extent to which he cannot be apprehended (LIPKING, 1996, p. 215).³

Mas, logo após, Adamastor passa de monstro alegórico para personagem quando inicia a narração de sua própria história; tendo Camões sentido a necessidade de explicar a origem da repentina aparição, o fez de maneira que humaniza o gigante através daquele, que desde o ocaso da Idade Média, tem sido a marca fundamental da individuação na sociedade ocidental: o Amor.

Adamastor, então, teria sido um capitão marítimo durante a Gigantomaquia, guerra da literatura mitológica greco-romana em que a raça dos gigantes tentou destronar os deuses olímpicos. Contudo, desiste de tudo por amor à deusa marinha Tétis, e tenta conquistá-la, porém vê a si próprio humilhado em público. Envergonhado, foge para longe, mas a essa altura os gigantes já perderam a guerra e são castigados pelos deuses. O seu castigo é virar um promontório junto ao cabo das tormentas e viver sempre cercado do mar.

A história de Adamastor é um curioso exemplo de como a sociedade influencia a literatura. Camões, escrevendo no renascimento tardio, imagina seu mundo fantástico povoado de deuses romanos, o que garante legitimidade para sua epopeia: utilizando os símbolos da cultura vista em seu tempo como a mais prestigiosa, ele sinaliza ao seu leitor não apenas a partir de qual tradição deseja ser lido, mas também quais são os antecessores que deseja emular, sendo o caso mais proeminente a *Eneida* de Virgílio. Assim, o episódio do Gigante Adamastor possui em si elementos inconscientes que reforçam a mensagem original espalhada por todo o restante da obra: a de que Portugal é um legítimo rebento da glória do império romano destinado a iniciar o processo de expansão da cristandade.

Após a segunda guerra mundial e a derrocada do colonialismo europeu houve, em muitos círculos intelectuais, uma atualização de pensamento. Os feitos gloriosos dos portugueses aproximam-se, na mente de muitos, de uma atrocidade, e à experiência colonial é lançada a acusação de

³ “Geograficamente, Adamastor representa o lugar onde os mapas perdem sua potência — aqui há monstros; historicamente, para uma desconhecida parte do passado, a lenda e a realidade escondida de textos antigos e ainda por ser explorados. Mas, sobretudo ele existe na fronteira entre o animado e o inanimado, entre a personificação que responde ao desejo humano e a natureza, cuja imensidão e violência refletem nada além de si mesmos. A diferença entre seu épico e todos os outros, Camões insiste, é que somente o seu diz a verdade. Isso era hùbris, é claro. Contudo, Adamastor ainda emerge da paisagem e se dissolve nos elementos, como se todo seu ser não tivesse sido mais do que uma ilusão de ótica. Agora você o vê, agora não. Sua realidade, como do [conceito kantiano da] coisa-em-si, depende da extensão em que ele não pode ser apreendido.”

racismo, intolerância religiosa, sujeição de continentes inteiros à rapina das metrópoles e o lançamento das pedras fundamentais de vários dos problemas que assolam o terceiro mundo. Algumas das vozes mais proeminentes do mundo intelectual pós-colonial têm se erguido contra esse passado numa tentativa de se libertar dos grilhões culturais do mundo nascido das grandes navegações e do capitalismo imperialista.

Este artigo pretende analisar um caso específico de transmutação do personagem Adamastor para um novo contexto pós-colonial. André Brink (1935-2015), escritor sul-africano com obras publicadas em inglês e afrikaans, ativista anti-apartheid e professor de inglês da University of Cape Town, publicou em 1993 um romance, *Cape of Storms: the first life of Adamastor*, no qual reinventa as origens para o gigante transformado em promontório, onde este deixa de ser um gigante greco-romano para se tornar um líder tribal nativo que se apaixona por uma portuguesa trazida nas caravelas de alguma expedição.

A introdução do livro possui um título longo: “In which, after some critical remarks about early French and Portuguese interpretations of Adamastor, the narrator proposes the terms of his contract with the reader”⁴, deixando claro que, se por um lado, o autor conhece e se utiliza da tradição, visto que títulos longos que descrevem o conteúdo de um capítulo eram comuns nos livros da época colonial, por outro estabelece que sua visão de literatura é aquela do século XXI. Não há um autor, contanto uma história, mas um narrador que estabelece um pacto com seu leitor. Sobre o narrador de *Cape of Storms* a pesquisadora polonesa Paulina Grzeda comenta que

[...] there is a continuous alternation between internal focalization in the form of T’kama, the first incarnation of mythical Adamastor, and external focalization through the authorial voice, which manifest itself most evidently in the introductory sentence prefacing each chapter and offering a synopsis of what is about to follow. Such shifting focalisation clearly strengthens the text’s self-reflexivity and foregrounds its metafictional character (GRZEDA, 2013, p. 164).⁵

⁴ “No qual, após algumas observações críticas sobre interpretações francesas e portuguesas de Adamastor, o narrador propõe os termos de seu contrato com o leitor.”

⁵ “[...] há uma contínua alternância entre a focalização interna, na forma de T’kama, a primeira encarnação mítica de Adamastor, e a focalização externa, na forma da voz autorial, que se manifesta de maneira mais evidente na sentença introdutória que prefacia cada capítulo e oferece uma sinopse do que está para acontecer. Tal focalização alternada claramente reforça a auto-reflexão do texto e enquadra seu caráter metafictional.”

Num estilo semelhante ao do ensaio crítico, a obra começa explicitando que a primeira menção literária a um personagem chamado Adamastor (do grego *adamastos*, selvagem, indomado) encontra-se em Rabelais, dentro da genealogia de Gargantua e Pantagruel. Quanto a Camões, seu Adamastor sofre por que uma ninfa não pode ser suficiente para um gigante. O comentário irônico feito pelo narrador de Brink é:

My own suspicion, the product no doubt of a more cynical and secular age, is that if the lack of response to the poor creature's amorous advances had indeed been partly caused by a discrepancy in size, this may well have involved only one part of his anatomy. On this, perhaps, with the best of intentions, Camões seizes, taking *pars pro toto*, blowing up, in a manner of speaking, out of all proportion a stumbling block that might well have been overcome with some patience and considerable pleasure (BRINK, 1993, p. 9-10).⁶

Fortemente autoconsciente do abismo de tempo, cultura e espaço que o separa do enunciador épico de Camões, o narrador passa a imaginar qual teria sido a história modelo do qual *Os Lusíadas* retirou seu Adamastor, e então inicia seu romance, agora em primeira pessoa, assumindo a persona do protagonista do enredo, T'kama, filho de T'kaneep, chefe de uma tribo khoi do povo San. T'kama descreve a chegada de caravelas portuguesas como pássaros marinhos gigantescos que botam ovos marrons, os escaleres; desses ovos eclodem pessoas coloridas como pássaros. E entre eles uma mulher que ele teve a oportunidade de observar se banhar.

Naked, smooth, white, and all alone. Oh, yes, she was different, all right; the most different thing I had ever seen. [...] Like a thin tongue of fire, a bitter spark released that instant from a flintstone struck by none other than Tsui-Goab. In the course of my many lives I have seen, and had, and been had by, innumerable women; but that first sight of the one I later named *Khois* (which means, of course, Woman), is beyond comparison with anything else. My only innocence, perhaps (BRINK, 1993, p. 18-19).⁷

⁶ “Minha suspeita, produto sem dúvidas de uma era mais cínica e secular, é de que se a falta de resposta para os avanços amorosos da pobre criatura foram de fato parcialmente motivados pela discrepância em tamanho, isso pode muito bem ser devido a apenas uma parte de sua anatomia. Nisso, talvez com a melhor das intenções, Camões, tomando parte pelo todo, extrapola desproporcionalmente um obstáculo que poderia muito bem ter sido vencido com paciência e considerável prazer.”

⁷ “Nua, suave, branca, e toda sozinha. Oh, sim, ela era diferente, se era; a mais diferente que eu já tinha visto. [...] Como uma delicada língua de fogo, uma amarga fagulha lançada naquele

Tal qual o Adamastor camoniano, T’kama é atingido pela paixão ao ver sua dama, pertencente a outro mundo, no primeiro caso, o dos deuses contra os quais os gigantes estavam em guerra e, no outro, dos brancos europeus, completamente ignorados até então e que iriam, no futuro, deslocar os povos nativos para fora do poder em sua própria terra. A miragem da mulher se banhando é comum em muitos mitos e histórias. Na Bíblia, a primeira vez que o rei David viu Bate-Seba foi durante o banho, e seu desejo por ela o fez cometer o assassinato premeditado de seu marido. Após ser perdoado, esta foi a mulher que lhe gerou o filho que iria substituí-lo no trono e se tornar um dos protagonistas mais gloriosos da história de Judá, Salomão. Na mitologia grega, Tirésias foi cegado pelos deuses como castigo por observar Athena, e Actaeon e Sipriotes, ao se deparar com Ártemis no banho, são transformados, respectivamente, em cervo e mulher.

Para T’kama esse encontro inesperado também iria ligar o destino dele e de toda sua tribo de forma misteriosa, exercendo tanto um fascínio mágico quanto inexplicáveis maldições, mas não sem que houvesse, primeiramente, um momento de identificação. Após algum tempo observando os “homens barba”, ou seja, os portugueses, T’kama se convence de que eles são pessoas como quaisquer outras, visto que agem como um khoisan agiria, montando acampamento e buscando água e comida. Um momento curioso é quando ele e um grupo de seus homens observam os portugueses abrirem um buraco em um montão de pedras sagrado. A raiva do sacrilégio logo se torna alívio ao verem que os estrangeiros estão na verdade erigindo uma cruz, ao redor da qual altearam ainda mais o montão para realizar uma cerimônia sagrada: “these people also respected our Great Hunter; so there was nothing to fear anymore. There was the living proof of blessings to come: their great cross planted in our cairn” (BRINK, 1993, p. 22).⁸

O jogo de identificação e estranhamento é importante para esse romance. A maioria dos relatos que possuímos sobre os encontros de culturas da época das navegações é fornecida pelos próprios europeus, principalmente na forma de cartas, como a de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil, por exemplo, redescoberta na Torre do Tombo no início do século XIX e desde então tratada pela mitologia nacional como algo próximo da “certidão de nascimento” do país. Caminha enfatiza a nudez e beleza dos

instante de uma pederneira batida por nenhum outro que Tsui-Goab [descrito no apêndice do romance como Deus, fonte de todo bem, que habita o alvorecer vermelho]. No curso das minhas muitas vidas eu vi, e possuí, e fui possuído por inumeráveis mulheres; mas a primeira visão daquela a qual eu denominei *Khois* (que significa, é claro, Mulher), é além de comparação com qualquer coisa. Minha única inocência, talvez.”

⁸ “essas pessoas também respeitavam nosso Grande Caçador; então nada mais havia a temer. Lá estava a prova viva das bênçãos a vir, sua cruz plantada em nosso montão”.

índios brasileiros, e sua total inocência acerca disso, mas assevera que são boas pessoas e que certamente estarão prontos para receber a religião católica e se tornarem súditos do rei de Portugal sem muito esforço. O leitor atual, contudo, conhece uma história bastante diferente do futuro – antropofagia, vilas queimadas, genocídio, tanto cultural quanto literal, doenças, escravidão e humilhação adviriam das vindouras relações dos dois povos, mas sempre do ponto de vista do colonizador.

O encontro de T’kama com os portugueses é a resposta do colonizado: se o Adamastor camoniano é um pedaço da mitologia ocidental arrastada anacronicamente para o limite meridional africano com a intenção de enaltecer aos olhos lusitanos a narrativa da colonização e da guerra religiosa, o de Brink utiliza a mitologia san para pesquisar uma nova narrativa que contraponha essa. Os navegadores europeus são, por vezes, vistos como não humanos – suas caravelas deitam escaleres, assim como aves pondo ovos, dos quais eclodem seres estranhos, ataviados com vestuários coloridos e incapazes de articular uma fala inteligível, o que por vezes leva T’kama a concluir que eles são pássaros. O erro aqui não está posto ao acaso: em uma nota de rodapé é informado ao leitor que o poeta africâner S. J. du Toit usou a imagem de caravelas como aves no seu poema *Hoe die Hollanders die Kaap Ingeneem Het* (“Como os holandeses conquistaram o Cabo”), provavelmente emprestada de histórias que circulavam livremente pela região; agora, essa imagem, assim como a própria figura do Adamastor, é retirada da voz conquistadora para ser reutilizada numa tentativa de criar novos sentidos.

Contudo T’kama parece inconsciente do fato, por ele mesmo narrado, de que seu nome significa “grande pássaro”, uma referência ao avestruz, mas que ele também gosta de associar ao tamanho avantajado do seu pênis. Mesmo na diferença habita uma série de conexões entre os san e os europeus; Brink, um branco africâner escrevendo pouco depois do fim do regime racista do apartheid que questionou e contra o qual lutou por toda vida, parece tentar escrever em *Cape of Storms* uma história de semelhanças, de igualdades, como a que foi explicitada pouco antes num ápice de ironia: os portugueses não deveriam ser temidos porque comem e bebem como os san, e prestam culto a seu deus morto e ressuscitado sobre um dos inumeráveis túmulos do herói salvador Heitsi-Eibib, o grande caçador que morreu várias vezes, porém nunca morreu. O narrador ingenuamente vê a cruz plantada sobre o montão como um símbolo de grandes bênçãos, e não como o início da maldição de sua tribo, que por sua vez é metonímia de um processo muito longo dos séculos de confrontos entre os diversos povos europeus e nativos que culminou com o governo sul-africano usando, durante a segunda metade do século XX, tortura sistemática para tentar controlar e subjugar os negros.

André Brink, autor de romances que expõem tais atrocidades, demonstra total domínio da ironia na sua busca por denúncia.

A primeira aproximação entre os san e os portugueses foi pacífica: os nativos receberam alguns presentes e algum tipo de bebida alcóolica que os fez ficar embriagados pela primeira vez. T’kama, preocupado, proibiu seu grupo de entrar em contato com o álcool novamente, mas alguns queriam desobedecê-lo, sendo o primeiro sinal de insubordinação que alguma vez demonstraram. Alguns, demonstrando uma tendência ao vício, ofereceram mulheres e mesmo reses em troca da “água de fogo”. Seu chefe convocou uma assembleia para discutir o assunto, e o amigo de infância de T’kama compareceu portando um jarro de “água de fogo” em sua mão. Houve uma severa discussão levando vários membros da tribo a desafiarem abertamente a liderança de T’kama ao beber do jarro olhando diretamente para ele; na manhã seguinte, estes estavam caídos pela aldeia, roncando como animais, “while I sat there aching inside, mourning for a thing that was breaking among us” (BRINK, 1993, p. 26).⁹

Logo após essa ameaça de motim T’kama sai para caçar sozinho e dá-se, então, o encontro mencionado acima: ele vê uma mulher portuguesa banhando-se. Ela grita. Ele tenta oferecer as roupas dela, como sinal de paz. Ela grita mais. Na tentativa de mostrar que não carrega arma alguma que possa feri-la, ele tira sua tanga. Ela sai correndo de volta para o escaler que a levou, deixando-o atônito e se perguntando se ela ficou com medo devido ao tamanho avantajado de seu pênis, desejando ter tido mais tempo para conhecê-la. “This rearing mamba in my loins — erect like the tall cross now planted in Heitsi-Eibib’s sacred cairn — would not know any peace again before it had come to rest deep in the *kloof* made for it. Dejected and sad as I was, I did not even try to follow her” (BRINK 1993, p. 33),¹⁰ diz o narrador, mimetizando o Adamastor camoniano, numa possível indicação de que a substituição do montão sagrado pela cruz e sua visão daquela mulher tão misteriosa, cuja existência na expedição portuguesa tão contrária aos costumes e registros da época é um mistério que a própria obra reconhece, guardem uma relação maior do que simplesmente causal. A cruz levantada é o sinal de que o encontro entre portugueses e san possui algo de sobrenatural, de sacrílego: a ordem foi rompida, e os san, tão suplantados quanto Heitsi-Eibib, caem vítimas dos encantos estrangeiros sem poder aspirar a de fato possui-los, num estado de divisão que, por um lado os arrasta para o álcool e, por outro, para o desejo sexual.

⁹ “Enquanto eu me sentei, machucado por dentro, sofrendo por algo que se quebrava entre nós”.

¹⁰ “Essa mamba em riste entre minhas pernas — ereta como a alta cruz agora plantada no sagrado montão de Heitsi-Eibib — não mais conheceria paz até que viesse a descansar no *kloof* (ravina) feito para ela. Desolado e triste como eu estava, nem tentei segui-la.”

Por fim, T'kama reencontra a mulher, ela tenta lutar contra sua nova tentativa de aproximação e ele acidentalmente a nocauteia. Ao ver alguém tão bela deitada, começa a acariciá-la e, com esse gesto, é surpreendido pelos k'wonka, homens barba, ou seja, portugueses, que tinham vindo à costa com aquela mulher e voltaram da caça acompanhados de alguns dos san rebeldes. T'kama leva um tiro de raspão no ombro e seus conterrâneos, ultrajados, lutam contra os k'wonka com grandes baixas, enquanto ele escapa carregando a mulher. Por fim, o restante dos nativos e o líder se reagrupam numa floresta próxima, já que os estrangeiros conheciam a aldeia; por fim, uma tocaia matou mais alguns portugueses, que entenderam o recado e fugiram de volta aos seus navios, içando velas e fugindo, deixando a mulher para trás.

Logo depois, toda a aldeia sentiu a necessidade de ir embora daquele lugar agora violado por tanto sangue; contudo, o problema de T'kama permanecia — aquela mulher era completamente estrangeira, não falando uma palavra de sua língua (o que o fez pensar de novo na semelhança entre os k'wonka e os pássaros). Sua tribo objetava contra a presença dela, argumentando que ele sequer havia tido sexo com ela ainda, coisa que ele prometeu resolver ainda antes de começarem sua busca por um novo lar. Na cerimônia de núpcias T'kama se adorna com as melhores penas que pode encontrar.

Thinking in my mind: Heitsi-Eibib, Tsui-Goab, People of Shadows, of yesterday and tomorrow, behold me now, I feel a great thing coming. And then she bursts out laughing. If she'd started screaming again in fear like the first day, fine; even if she'd shouted at me in rage, or sworn at me, or begun to cry. What I would have liked best was a sound to say "Come here." But any other reaction, even of revulsion, I could have handled. Except her laughter. And once she'd started she couldn't stop. [...] In a moment that whole great proud feather was drooping limply on its bough. And still she went on laughing (BRINK, 1993, p. 54-5).¹¹

¹¹ “Pensando em minha mente: Heitsi-Eibib, Tsui-Goab, Pessoas das Sombras, de ontem e de amanhã contemplem-me agora, eu sinto algo grande vindo. E então ela rompeu a rir. Se ela tivesse começado a gritar de medo, como no primeiro dia, tudo bem; mesmo se ela berrasse contra mim raivosa, ou me xingasse, ou começasse a chorar. O que eu mais gostaria seria um som dizendo “venha”. Mas qualquer outra reação, mesmo repulsa, eu poderia lidar. Exceto sua risada. E tendo uma vez começado, ela não conseguia parar. [...] Em um momento aquela magnífica e orgulhosa pena estava dependurada flacidamente em seu ramo. E ela continuou rindo.”

Assim, após a dessacralização de um túmulo ritual, divisões internas, mortes e frustração e humilhação amorosas, inicia a caminhada que T’kama e seu povo irão percorrer, segundo um mapa, até o norte da atual África do Sul e depois de volta para a região de Port Elizabeth, na qual toda a terra parecia contrária à sua presença. Por volta do quarto dia de peregrinação os arbustos de euforbiáceas, plantas por vezes cobertas por espinhos comuns na região e de onde deriva os nomes que os europeus deram para o povo san — *bushmen* ou bosquímanos —, passam a se comportar de maneira estranha, como se se tornassem mais espessos e altos, cercando os emigrantes e dificultando-lhes a passagem. Aconselhados por Khamab, o sábio curandeiro, eles atravessam um riacho em direção a uma colina sem vegetação, mas o gado insiste em escapar de volta em direção aos espinhos, tudo acontecendo num cenário de terror pintado por “strange yellowish clouds [...] an unholy color, like blood or pus filtering through darkness” (BRINK, 1993, p. 60).¹²

À noite, após perderem algumas das indispensáveis reses que lhes serviam de sustento, uma tempestade completamente fora de época os assolou por dois dias, e cobrou a vida de duas crianças e uma mulher. A marcha do povo de T’kama prosseguiu dentro de seu cenário de angústia. Todos os dias eles escolhiam um lugar aberto para acampar, e no dia seguinte ele estava cercado de arbustos espinhosos novamente. A depressão e o silêncio tomavam conta de todos. Enquanto isso, T’kama ainda não havia conseguido fazer sexo com a “Mulher”.

Yet it never worked. It is a shameful thing to confess, but I was simply too big for her. We tried in all imaginable ways, from above, from below, from left and right, from the side, with her lying on her back or astride on me, or on hands and knees, or standing, any imaginable way. But it was like those thorn bushes: every time my kierie came near to where it so urgently desired to introduce itself, it seemed to start growing [...]. And every time I so vainly tried to enter her, it grew some more in size, in girth, in length, until I had the feeling that it was no longer I who carried it with me but that I had become a mere appendage to my bird (BRINK, 1993, p. 62-3).¹³

¹² “estranhas nuvens amareladas, [...] uma cor perversa, como sangue ou pus filtrando pela escuridão.”

¹³ “Contudo, nunca funcionou. É algo vergonhoso de se confessar, mas eu simplesmente era grande demais para ela. Nós tentamos de todo jeito imaginável, por cima, por baixo, pela direita e pela esquerda, de lado, com ela deitada de costas ou cavalgando sobre mim, ou de quatro, ou

A literatura fantástica, antes reservada aos contos de fada, apólogos morais, histórias de terror e coisas do gênero, alcança, no século XX, um novo patamar; autores dos mais variados matizes, com especial destaque para ibero-americanos como Jorge Luís Borges, Gabriel Garcia Marques, Mario Vargas Llosa, José Saramago entre vários, se utilizam de situações inexplicáveis para pesquisar as reações humanas. A começar pela Bíblia e pelos poemas épicos greco-romanos, os dois pilares da tradição ocidental, as situações, embora maravilhosas, sempre acontecem devido a algum fator que é ou será conhecido do leitor: no livro de Juízes, o Sol se detém no céu porque Yahweh quis que Josué vencesse uma batalha; na Eneida, Laocoonte é atacado por serpentes antes de conseguir convencer os troianos a rejeitar o Cavalo de Madeira por que os deuses enviaram-nas para precipitar a queda de Troia. Contar os motivos que ajudaram a desencadear algum acontecimento é a forma mais lógica de prosseguir com uma história. Porém o século XX é um onde a lógica, o cientificismo, razão e os horrores do colonialismo, antes tão orgulhoso de sua tarefa civilizatória, foram expostos em sua vacuidade. As novas histórias não se preocupam tanto com causa e efeito, mas com o humano e as relações por ele estabelecidas, tratados sempre como o maior de todos os enigmas, e o mais digno de ser pesquisado pela arte.

É a essa postura que *Cape of Storms* está ligado, e é essa a melhor forma de conceber seu relato. O Adamastor camoniano foi castigado por Júpiter após o término da batalha, mas o leitor ignora completamente as circunstâncias que causaram essas misteriosas desgraças ao Adamastor de Brink; poder-se-ia imaginar um crítico freudiano especulando sobre algum mecanismo de compensação operando nesse coito que não se consuma devido não a um falo impotente, como seria o normal, mas a um extraordinariamente grande e ainda crescente, ou mesmo uma rebeldia contra o estado subalterno dos negros na África-do-Sul e conhecidos mitos sobre seu tamanho peniano. Contudo, uma leitura menos superinterpretativa apenas sugere que essa narrativa mítica deseja ver o mito por um novo viés, mais nacional e atualizado, do que seu original advindo da mentalidade do século XVI.

A tribo, em sua peregrinação, encontrou uma tribo xhosa amiga, mas desentendimentos entre T'kama e o fraudulento médico dos xhosa, que havia prometido curar-lhe, quase causaram uma guerra. Por fim, ao ver a

de pé, todo jeito imaginável. Mas era como aqueles arbustos de espinho: cada vez que meu kierre se aproximava de onde tão urgentemente desejava se introduzir, parecia crescer mais [...]. E a cada vez que eu em vão tentava penetrá-la, crescia mais em tamanho, largura, comprimento, até eu sentir que não era mais eu quem o carregava, antes havendo me tornado um mero apêndice do meu pássaro.”

Mulher pisar num louva-a-deus, o maior dos sinais de azar, os san decidiram abandoná-la à própria sorte; T'kama escolheu ficar com ela, e a tribo foi embora, agora liderada por Khusab, sem, contudo, nenhuma melhora em sua sorte. O próprio Khusab teve suas pernas queimadas em uma misteriosa água borbulhante. Ao ver que era como se o próprio Gaunab, o espírito maligno de sua mitologia, os perseguisse, Khamab, o sábio e velho conselheiro, resolve voltar para T'kama a fim de que todos tivessem a mínima chance de sobrevivência. Sua chegada é oportuna, porque a Mulher havia, no desespero da fome, se aventurado a comer frutas desconhecidas e que se provaram venenosas. Após sua cura e recuperação, eles retomaram a caminhada, não sem antes uma declaração de Khamab de que a tribo só voltaria a prosperar quando T'kama consumasse seu casamento com a Mulher, o que ainda era impossível.

And from then on Gaunab ran amok quite openly among us. Night walkers came into our temporary huts to suck the men dry and ride the women and terrify the children. Sobo Khoin, Shadow People. The dun-colored ones. As if all the graves in that vast land had opened to vomit up their dead. Trees suddenly bursting into flames at night. Rocks breaking open to let out liquid fire. Snakes crossing our tracks and sprouting wings to fly off through the deadwood trees and disappear into the searing white light of the sun. Never before had we lived through times like those (BRINK, 1993, p. 93).¹⁴

Em meio a tantas desgraças, o relacionamento de T'kama e Khois, a mulher, se tornou mais terno e íntimo; um dia ela matou uma lebre para tentar minimizar a fome geral, sem saber que aquele era um mensageiro da morte na cultura san. T'kama a repreendeu por isso e ela, envergonhada, fugiu. Depois de vários dias, durante os quais tinha certeza de que estava morta, e tendo inclusive enfrentado outro motim sério dentro de sua tribo que se divide, T'kama finalmente a encontra e descobre que um leão a manteve viva, alimentando-a, aquecendo-a durante a noite e impedindo que ela se atirasse de um precipício.

¹⁴ “E a partir daí Gaunab correu solto abertamente entre nós. Caminhantes noturnos entraram em nossas cabanas temporárias para sugar totalmente os homens e montar as mulheres, e aterrorizar as crianças. Sobo Khoin, as pessoas das sombras. Os de cor bege. Como se todas as sepulturas daquela vasta terra tivessem se aberto para vomitar seus mortos. Árvores subitamente pegando fogo à noite. Rochas se partindo e deixando escorrer fogo líquido. Serpentes cruzando nosso caminho e criando asas para voar e escapar entre os troncos mortos e desaparecendo na brilhante luz branca do sol. Nunca tínhamos passado por tempos como esses antes.”

Por fim, após uma caminhada ainda pior, encontraram um riacho em que matar a sede. Khois foi atacada por um crocodilo que comeu o pênis de T’kama quando este a salvou. Khamab fabrica um falo de argila que magicamente se torna um pênis real. Com ele, finalmente a Mulher estrangeira é penetrada por T’kama, ato que traz chuvas e o fim das desgraças que pairavam sobre todos. Por fim, os emigrantes retornam ao seu ponto de origem. Um dia, novas caravelas surgem e seus tripulantes conseguem capturar Khois. T’kama tenta negociar um preço pelo resgate de sua esposa, mas é enganado: os raptos o amarram no montão de Heitsi-Eibib, o seviciam e o abandonam para morrer de exposição, gritando que isso o ensinaria a não se deitar “com nossas mulheres brancas.” Antes de morrer T’kama pensa no filho que teve com Khois, e que ele nunca morrerá de verdade enquanto este viver. E termina dizendo que essa foi a primeira de suas muitas mortes.

A essa altura está claro como o novo Adamastor de Brink opera diferentemente do de Camões. Suas referências mitológicas baseiam-se no legendário san, não greco-romano. Sua desgraça não é individual, mas coletiva, atingindo toda a tribo. Seu sofrimento também é infligido por outros, mas há nele um tom de opressão racial bastante reconhecível a qualquer um familiarizado com a história sul-africana. T’kama, assim como Heitsi-Eibib em cujo túmulo foi morto, anuncia que viverá várias vidas e morrerá várias mortes. Se após a transformação do Adamastor camoniano este não tinha nada para fazer além de anunciar o sofrimento português, o de Brink estará pelos próximos séculos observando os efeitos da colonização e da invasão promovida por diversos povos europeus. *Cape of Storms* se apropria, portanto, do discurso colonizador para experimentar um novo, resgatando a mitologia local enquanto pincela, com delicadeza e vividez, as questões que ora se apresentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINK, A. *Cape of storms: The first life of Adamastor: a story*. Nova York: Simon and Schuster, 1993.

CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

GREZEDA, P. Magical Realism: a Narrative of celebration or disillusionment? South African literature in the transition period. *Ariel: a review of international english literature*. v.44, n. 1, p. 153-83. Disponível em <http://ariel.ucalgary.ca/ariel/index.php/ariel/article/view/4472>, acesso em 21 dez. 2015.

LIPKING, L. Lycidas, Adamastor, and the Poetics of Nationalism. *PMLA*. v.111, n.2, p. 205-21, mar. 1996. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/463102>, acesso em 21 dez. 2015.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016